los *de cima* com mais atenção do que antes; mas a *alma socialista foi sacrificada...*»

«Fala-se já de luta de classes contra a burguezia: a espinha dorsal do partido socialista está quebrada»

.....

«Pannerekoek tem esperança na revolta dos proletários, quando, finda a guerra, o governo inicie a era das perseguições. Estariamos de acordo com ele se os *leaders* da social-democracia insuflássem nas massas proletarias o espírito de revolta e insubmissão; mas com os diversos Franks a aconselhar legalidade, prudencia e disciplina, a rebelião é um mito.

GIORDANO BRUNO.

Coisas historicas

16-1902 — Realisa-se em Charleroy a primeira sessão do congresso dos mineiros belgas.

17-1869 — Inaugura-se o canal d Suez.

18-1894 — Sai, em S. Paulo, (Brazil) o primeiro número de *O Porvir*, semanario anarquista.

19-1889 — Em Lisboa funda-se a Associação de classe dos Impressores Tipograficos.

20-1880 — Depois de amnistiados chegam a Paris todos os comunalistas, incluindo Luiza Michel, que haviam sido deportados para a Nova Caledónia, por causa do movimento de 18 de março de 1871.

21-1908 — Publica-se, em Lisboa, o primeiro número dum semanário anarquista com o título *A Guerra Social*.

22-1889 — Mil grevistas das fabri- de Audincourt, Valentignery e Beaulieu ao dirigirem-se a Paris com o sentido de reclamarem contra os atropelos de que eram vitimas por parte das autoridades, são barbaramente acutilados pela gendarmeria.

Cordealidade... e miseria

Pedem-nos a publicação do seguinte:

Amigo redactor: Em virtude de Portugal se ter embrenhado na horrorosa conflagração europeia, o ministro da marinha resolveu mobilisar todas as classes que compõem a reserva da armada. Ao respectivo convite compareceram as ditas reservas, não sem grande sacrificio, pois que a súbita mudança de estado, além de lhes acarretar grandissimas despezas, veio colocar as suas familias numa situação dolorosissima. Aqueles que as sustentavam com o produto do seu trabalho veem-se agora, devido à exiguidade do pret, nas condições mais terriveis que imaginar se podem: o aniquilamento completo, pela fome, dos seus entes queridos, dos seus filhinhos de tenra edade.

Neste caso, que fazer? Dirigirem-se ás entidades competentes para que estas tivessem conhecimento de tal estado de coisas e providenciassem como é de justiça? Era o mais natural, já que agora se fala tanto em auxilio áqueles que mais directamente sofrem as consequencias da tam funestissima guerra que assola a Europa inteira.

Foi o que fez uma das praças que se vê angustiada com a miséria da esposa e de quatro filhinhos. Dirigiu-se portanto, ao ministro da marinha, expôs-lhe as miserrimas condições de vida da sua familia e fez-lhe as imprescindiveis «solicitações». Sua Ex.ª, depois de o ouvir, respondeu-lhe: o dever de todos era comparecer á chamada, visto a patria perigar, e pôr de banda todas as dificuldades, ainda as mais punjentes... Quanto ao sustento das familias, ele ministro iria ver se podia dar-lhes alimento... no quartel de marinheiros...

Que tal está a resposta? Então, S Ex.ª, o snr. ministro, não sabe que os reservistas vieram de todas as terras do paiz para Lisboa, e que as suas familias ficaram por lá sem o minimo auxilio? Ou quereria sua Ex.ª que as familias os acompanhassem tambem para aqui? Mas isso seria um absurdo: a falta de meios é grande; e nesta sociedade, infelizmente, nada se faz sem dinheiro.

Então não seria mais acertado dar a essas pobres familias uma pensão de sangue já que lhes foram arrancar o braço que as sustentavam? veremos que sim. Porque, de resto, esta coisa de se exigir serviços aos individuos em detrimento das suas familias, não bate lá muito cêrto, e não abona muito os grandissimos patriotas...

Pela publicação destas linhas lhes ficam muitos gratos, os que V. sabe,

* * *

Na sua simplicidade tocante aí ficam essas linhas. Os comentarios faça-os quem quizer.

O mal da guerra

No primeiro número de *L'Associazione* (6 de Setembro de 1889), exprimia Malatesta uma idea por êle repetida e desenvolvida várias vezes:

«Uma guerra pode, pelo menos no país vencido, provocar uma revolução; mas ela desperta o mau germe dos sentimentos patrióticos, provoca o ódio contra o país vitorioso, e a revolução que dela pode nascer, sendo em grande parte provocada pelo desejo de desforra e vendo-se na necessidade de combater a invasão, tende para se manter simples movimento político. Até se corre o perigo de que o povo, irritado com devastações e prepotências das soldadescas estrangeiras, se esqueça da luta contra os burgueses e fraternize com êles na guerra contra o invasor.»

Oito anos mais tarde, escrevia Malatesta em *L' Agitazione*:

«A guerra entre os povos civilizados de Europa seria um imenso desastre; desastre não só pela perda de vidas e pela acumulação de ruinas, mas ainda mais pelas más paixões que suscita, pelos orgulhos patrióticos que alimenta, pelo longo rasto de ódios e de rancores que deixa atrás de si.

E' certo que a guerra, abalando o organização do Estado e destruindo, no país vencido, o prestigio do exército e do govêrno, pode em certas circunstâncias ser ocasião propícia para radicais transformações políticas e sociais—e, se tais circunstâncias se apresentarem, esperamos que o proletariado e os partidos avançados dos diversos países hão de saber aproveita-las.

Mas também é verdade infelizmente que o sentido patriótico, no pior sentido da palavra, e os instintos sanguinários estão longe de poderem considerar-se extintos, e retomam inesperado vigor de cada vez que troa o canhão e o sangue corre.

Por isso uma revolução social feita em tempo de guerra ou em presença do invasor estrangeiro é sempre muito dificil, e ainda quando sucede, fàcilmente degenera em puro movimento político nacionalista.

A guerra é uma ameaça sempre suspensa sôbre a cabeça do proletariado europeu, uma ameaça contra o progresso, uma ameaça contra as nossas melhores esperanças. Estale agora ou mais tarde, por esta ou aquela questão, é ela o termo fatal para o qual caminham os Estados europeus, e no qual hão de querer procurar a solução das inextricáveis dificuldades políticas e financeiras em que se vão enredando cada vez mais. Certo é que os próprios governos a temem pelos imprevisiveis resultados e sobretudo pelas conseqüências internas que poderia ter nos diversos Estados, mas é que êles são para ela impelidos pela necessidade, e por outro lado a guerra sempre é afinal o último, o supremo meio de que os governos dispõem, para desviar dos problemas sociais a atenção do povo e deter a tempo a organização ameaçadora do proletariado».

Krapótkine exprimiu idênticos conceitos sôbre o mal da guerra, quando, por exemplo, há anos, dois ou três fazedores de paradoxos se lembraram de proclamar em França a vantagem revolucionária da guerra: um deles até propunha que se provocasse uma conflagração com um incidente (atentado contra uma embaixada, etc.)!

Estar disposto a aproveitar todos os ensejos favoráveis, incidentes e circunstâncias felizes, concorrer mesmo para elês—é excelente; mas não confiemos nas fôrças estranhas e adversas, e sobretudo não nos alimentemos... Os incendios não se apagam com petróleo...

OS PALHAÇOS

Herois da gargalhada, ó nobres saltimbancos,
Eu gosto de vocês,
Porque amo as expansões dos grandes risos francos,
E os gestos d'entremez,

E prézo, sobretudo, as grandes ironias
Das forças joviais
Que em visagens crueis, imperturbaveis, frias,
A'turba arremessais.

Alegres histriões dos circos e das praças,
Oh! sim, gosto de os vêr
Nas grandes contorsões, a rir, a dizer graças
Do povo enlouquecer.

Ungidos para a luta, heroica, descambada
De giz e de carmim
Nas mímicas sem par, herois da bofetada,
Titães de trampolim!

Correi, subi, voai num turbilhão fantastico
Por entre as saudações
Da turba que festeja o semi-deus elastico
Das grandes ascensões.

E no curso veloz, vertiginoso, aéreo
Fazei por disparar
Na face trivial do mundo egoista e sério.
A gargalhada alvar!

Depois, mais perto ainda, a voltear nos espaços
Pregai-lhe, se podeis,
Um pontapé furtivo, ó lividos palhaços
Luzentes como reis!

Eu rio sempre ao ver aquela magestade,
Os tragicos desdens
Com que nos divertis, cobertos d'alvaiade
A troco duns vintens!

Mas rio ainda mais dos histriões burgueses
Cobertos d'ouropeis,
Que tomam neste mundo, em longos entremeses
A sério os seus papeis.

São eles, almas vãs, consciencias rebocadas,
Que, enfim, merecem mais
O comentário atroz das rijas gargalhadas
Que ás vezes disparais!

Portanto, é rir, hirsutos, grandes, lestos,
Nas comicas funções,
Até fazer morrer, em desmanchados gestos,
De riso as multidões!

E eu que amo as espansões dos grandes risos francos,
E os gestos d'entremez,
Deixai-me dizer isto, ó nobres saltimbancos,
Eu gosto de voces!

GUILHERME D'AZEVEDO

UMA GREVE

Na ultima quinta-feira declararam-se em greve os operarios da fabrica de cobertas de Antonio Domingos da Costa & Filhos, de Contumil por os referidos industriais, valendo-se da presente crise economica, pretenderem abater aos preços de mão d'obra.

Para o fazerem, aqueles industriais, alegaram que era para que os preços ficassem eguais aos que eram pagos pelo seu colega, Diogo Barbot, proprietarios de outra fabrica identica.

Logo que os operarios abandonaram o trabalho foram intender-se com o industrial Diogo Barbot sobre se era ou não verdade ele pagar pelos preços que os industriais Antonio Domingos da Costa & Filhos se serviam para lhes usurpar 5 centavos em cada coberta e 2 nos cobertores, e foram informados que os preços por que pagava eram os seguintes: 35 centavos por cada coberta e 24 pelos cobertores.

A rasão apresentada pelo industrial para os abatimentos é, pois, um *truck* e os operarios assim o reconheceram pelo que firmemente se decidiram a sustentar a greve, e assim o notificaram ao industrial.

Os grevistas reuniram-se na Associação de classe e resolveram sustentar-se na luta, opondo-se assim á gananciosa esploração daquele industrial e não retomar o trabalho emquanto aquele não pagar os preços de mão d'obra pela tabela antiga.

O nosso desejo é que os operarios grevistas conservem a atitude permitiva, pois para miseria já basta a que sofriam mesmo antes dos abatimentos, alem de que não se deve consentir que os esploradores se valham do presente momento de crise para mais e mais usurparem aqueles que sempre os inriqueceram.

Porque será?

E' verdade. Porque será que a grande imprensa se faz matias quando alguem fére qualquer nota discordante acêrca da mobilisação e da atitude que *devemos* tomar em face da actual conflagração?

Há uma conferencia de propaganda da mobilisação e no dia seguinte são colunas e mais colunas de prosa a narrar o feito. Mas se alguem aparece a discordar da opinião oficial então nem chús nem bús; não ouviram, não estavam lá...

Porque será?

Centro Instrutivo de Propaganda Libertaria

Convidam-se todos os sócios deste Centro para reunir em assembleia geral na proxima quinta-feira 25. Pelas 20 horas, na rua Formoza 242—3.º andar, afim de tratar assuntos de bastante urgência; espera-se que ninguem falte dada a importancia dos assuntos a resolvêr.

A AURORA, e bem assim folhetos de propaganda, vendem-se, Beja, em casa de José Pedro d'Almeida, rua do conde da Boa Vista, 9.

Folhetim de A AURORA (1)

Episódios da guerra de 1870

O SOLDADO PRUSSIANO

O nosso regimento era o que então se chamava um regimento de marcha. Tinha sido formado em Mans, dificilmente, de todos os restos de corpos, dos elementos dispersos que enchiam a cidade: zuavos, milicianos, franco-atiradores, guardas florestais, cavaleiros desmontados, espanhois e valaquios, e até gendarmes. Havia ali de tudo; e esse tudo era comandado por um velho capitão promovido, no fardamento e pela força das circunstancias, ao posto de tenente-coronel. Naquele tempo estas promoções não eram raras; necessitava-se tapar os buracos abertos na carne francesa pelos canhões de Wissembourg e de Sedan.

Várias companhias não tinham capitão. A minha tinha á sua frente um tenente de reserva, rapaz de vinte anos, fraco e pálido, e tam pouco robusto que, depois de alguns quilómetros, sofucava, coxeava e terminava a etape em uma viatura da ambulancia. Pobre diabo! Bastava olha-lo de frente para o fazer córar, e nunca se permitiu dar uma ordem, com receio de se enganar ou de se tornar ridiculo. A's escondidas nós troçávamos dele por causa da sua timidez e da sua fraqueza, e tambem, sem dúvida, porque era bom e porque distribuia algumas vezes aos homens cigarros e rações de carne.

Afiz-me rapidamente a esta nova vida, arrastado pelo exemplo, sobreexcitado pela febre daquele meio. Lendo as descrições pungentes das nossas batalhas perdidas, sentia-me impelido como que em uma embriaguez, sem contudo juntar a essa embriaguez a idea da Pátria ameaçada. Estivemos um mez, em Mans, a equipar-nos, a fazer exercicios, a frequentar as tabernas e as casas de prostituição. Enfim, a 3 de outubro partimos.

Montões de soldados errantes, de destacamentos sem chefes, de voluntários vagabundos, mal equipados, mal alimentados, —e, mais frequentemente, sem alimentação—sem coesão, cada qual tratando só de si impelidos por um único sentimento de implacavel e feroz egoísmo:—este, coberto com um boné de policia; aquele, com a cabeça embrulhada num lenço; outros, vestidos com calças de artilheiros, marchavam pelos caminhos, esfarrapados, extenuados, intratavels

Doze dias depois de estarmos encorporados numa brigada de formação recente, rolàvamos atravez dos campos, como loucos, e, por assim dizer, sem um fito. Hoje para a direita, amanhã para a esquerda; um dia vencendo etapes de 40 quilómetros, no dia seguinte recuando outro tanto-assim girávamos sem cessar no mesmo circulo, como um rebanho extravado que tivesse perdido o pastor. A nossa exaltação tinha decaído. Tres semanas de sofrimento haviam bastado para isso.

Antes que tivéssemos ouvido troar o canhão e sibilar as balas, a nossa marcha de frente semelhava uma retirada de exercito vencido, golpeado pelas cargas de cavalaria, precipitado no delírio do *salve-se quem puder*. Quantas vezes eu vi soldados desembaraçarem-se dos cartuchos, que semeavam ao longo das estradas!

—Para que serve isto?—dizia um deles.. Não preciso senão de um para furar as gúélas ao capitão, a primeira vez que nos batermos.

A' noite, no campo, agachados em redor das marmitas, ou estendidos sobre as urzes frias, com a cabeça sobre a mochila, pensavam eles na casa de onde os tinham arrancado violentamente. Todos os rapazes, de braços robustos, haviam partido das aldeias; muitos dormiam jà debaixo da terra, dilacerados pelas granadas; outros, feridos, erravam, espectros de soldados, pelas planicies e pelos bosques, esperando a morte. Nos campos, em luto, não restavam mais que os velhos trôpegos e as mulheres que choravam. O aspecto das granjas, onde malham os trigos, era solitário e ermo; nos campos desertos cresciam as ervas más; não se via, sob a purpura do sol poente, a silhuêta do lavrador que volta da herdade, ao passo dos seus cavalos fatigados. Homens com grandes sabres, compareceram alí, levaram os cavalos e despejaram os estábulos em nome da lei; não bastava a guerra engulir carne humana; era preciso que devorasse animais, a terra, tudo o que vivia na tranquilidade, na paz do trabalho e do amor... E no fundo do coração de todos estes miseraveis soldados, a quem os fogos sinistros do campo iluminavam o rosto enegrecido e o dorso vergado, a mesma esperança reinava, a esperança da batalha proxima: isto é, a fuga, a coronha para o ar, a fortaleza alemã.

Contudo preparàvamos a defesa das regiões que atravessávamos e que ainda não estavam ameaçadas. Para isto, começavamos por abater as árvores, deitando-as sobre as estradas; faziamos saltar as pontes, profanávamos os cemitérios á entrada das povoações, sob o pretexto de barricadas, e obrigávamos os habitantes, com a baioneta nos rins, a ajudar-nos na devastação dos seus bens. Depois, partíamos de novo, não deixando atraz de nós mais do que ruinas e ódios. Recordo-me de que, uma vez, arrasàmos até á última árvore, um lindo parque, afim de nele estabelecer tendas que não chegamos a ocupar.

O nosso aspecto não era de molde a tranquilizar o povo. Por isso, á nossa aproximação, as casas fechavam-se, os camponezes enterravam as suas provisões: por toda a parte rostos hostis, frases de má vontade, mãos vasias. Houve entre nós rixas sangrentas por causa dum tacho de costelêas encontrado num armário; e o general mandou fuzilar um pobre velho, que tinha escondido no seu jardim, debaixo dum pilha de adubo, alguns quilos de toucinho salgado..

No dia 1 de novembro, tinhamos marchado todo o dia, e, cerca das tres horas, chegavamos á estação do Loupe. Primeiro houve uma grande desordem, uma inexplicavel confusão. Muitos, abandonando as fileiras, espalharam-se pela cidade, distante um quilómetro, e meteram-se nas tabernas visinhas. Durante mais duma hora, os clarins tocaram a unir. Foram enviados cavaleiros à cidade para trazer os fugitivos, e ficaram tambem a beber. Corria o boato de que um comboio, formado em Nojent-le-Rotrou, devia conduzir-nos a Chartes, ameaçada pelos prussianos, os quais, segundo se dizia, tinham assaqueado Maitenou e acampavam em Jony. Um empregado interrogado pelo nosso sargento respondeu que não sabia, que não tinha ouvido falar em nada. O general, um velhote, gordo, baixo e gesticulador, que mal podia suster-se a cavalo, galopava para a direita e para a esquerda, voltava, rolava como um tonel sobre a montada, e, com o rosto vermelho, os bigodes eriçados de cólera, repetia sem cessar:

—Ah! patife... Ah! patife dos patifes...

Apeou-se, auxiliado pelo impedido. E chamando o chefe da estação, encetou um colóquio dos mais animados com esse empregado, cuja fisionomia tinha uma expressão de espanto.

—E o *maire?*—gritava o general. Onde está esse patife? Que o tragam aqui!... Querem divertir se comigo?

Soprava, despejando palavras ininteligiveis, batendo com o pé no chão, invectivando o chefe. Por fim, os dois, um com o rosto acabrunhado, o outro fazendo gestos furiósos, acabaram por desaparecer no gabinete do telégrafo, que não tardou a enviar-nos o ruido dum tilintar louco, encarniçado, vertiginoso, cortado de quando em quando pelos berros do general.

Decidiram-se, por fim, a formar-nos sobre o cais, por companhias, e deixaram-nos ali, com as mochilas no chão, imóveis, em frente das espingardas ensarilhadas. A noite tinha descido, a chuva caía, lenta e fria, acabando por atravessar os capotes já molhados dos agüaceiros. Aqui e ali a via iluminava-se de pequenas luzes pálidas, que tornavam mais sombrios os armazens e a massa dos vagons que os homens empurravam. E o guindaste, erecto sobre a plataforma girante, projectava no céu o seu comprido pescoço de girafa espantada.

Alem do café, rapidamente engulido, de manhã, não tinhamos comido nada durante o dia; e apesar da fadiga que nos quebrava o corpo, apesar da fome que nos aguilhoava o ventre, pensávamos, consternados, que seria preciso passar tambem sem ceia naquele dia. Os nossos cantis estavam vasios, esgotadas as nossas provisões de biscoito e toicinho; e as viaturas de subsistencias, extraviadas desde a véspera, não se tinham ainda juntado á coluna.

Muitos, entre nós, murmuravam, pronunciavam em alta voz palavras de ameaça e de revolta; mas os oficiais que passeavam, em frente dos sarilhos, parecia não darem por isso.

(Continúa)